

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

MAÍRA EDUARDA BARC DE MOURA

**INCLUSÃO DE TEA NA ESCOLA: CONVIVÊNCIA, EXPERIÊNCIAS E
DESAFIOS**

DOIS VIZINHOS

2022

MAÍRA EDUARDA BARC DE MOURA

**INCLUSÃO DE TEA NA ESCOLA: CONVIVÊNCIA, EXPERIÊNCIAS E
DESAFIOS**

**INCLUSION OF TEA IN SCHOOL: COEXISTENCE, EXPERIENCES AND
CHALLENGES**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentada como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientador(a): Rosangela Maria Boeno.

DOIS VIZINHOS

2022



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

Esta licença permite download e compartilhamento do trabalho desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es), sem a possibilidade de alterá-lo ou utilizá-lo para fins comerciais. Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.

MAÍRA EDUARDA BARC DE MOURA

**INCLUSÃO DE TEA NA ESCOLA: CONVIVÊNCIA, EXPERIÊNCIAS E
DESAFIOS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentada como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Data de aprovação: 31 de maio de 2022

Rosangela Maria Boeno

Doutorado

Universidade Tecnológica Federal do Paraná – *Campus Dois Vizinhos*

Leandro Turmena

Doutorado

Universidade Tecnológica Federal do Paraná – *Campus Dois Vizinhos*

Siderlene Muniz Oliveira

Doutorado

Universidade Tecnológica Federal do Paraná – *Campus Dois Vizinhos*

DOIS VIZINHOS

2022

Dedico este trabalho à minha família, pelo apoio dado a mim neste período, em especial aos meus pais Vânia e Valmir e minha irmã Érika.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente, pois sempre guiou e iluminou meu caminho, em meio à todas as dificuldades.

Agradeço também à minha família, em especial aos meus pais Vânia e Valmir, por todo o apoio, amor, carinho e incentivo nestes anos. Vocês são minha maior inspiração diária. Obrigada pela vida e por me amarem incondicionalmente.

Agradeço também a minha irmã Érika, pelo incentivo e carinho, principalmente nesta etapa.

Aos meus avôs, que sempre contribuíram de alguma forma para a minha formação.

Agradeço ao meu namorado Geo Maycow, que sempre me apoiou, incentivou e me compreendeu pelos momentos de ausência. Obrigada pela paciência e amor todos os dias.

Agradeço a minha orientadora Profa. Dra. Rosangela Maria Boeno, pelos ensinamentos nesta importante fase da minha vida. Obrigada por toda a ajuda e por me guiar neste trabalho, sempre com muita sabedoria, paciência, empatia e dedicação.

Aos meus colegas e amigos de graduação que conheci na Universidade e quero levar para a vida, Camila Luiza Comelli, Jaine Sguisardi e Jean Bortot. Obrigada por tantos momentos juntos, pelos conhecimentos compartilhados e por enfrentarmos juntos as dificuldades neste tempo.

Enfim, obrigada a todos que de alguma forma ou por algum motivo contribuíram para a realização desta pesquisa.

“Talvez não tenha conseguido fazer o
melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito.
Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus,
não sou o que era antes”.
(MARTHIN LUTHER KING).

RESUMO

O presente trabalho trata sobre os impactos causados à comunidade escolar a partir da convivência com crianças com o transtorno do espectro autista (TEA), especificamente com seus pares. Pretende-se demonstrar que a inclusão não traz benefícios somente para os incluídos, mas também para toda a sociedade. Com isso, objetiva-se demonstrar que a inclusão é algo que deve ser cada vez mais presente nas escolas e outros ambientes, de modo a evitar opressões, constrangimentos e exclusão destes indivíduos. além de ensinar e promover desde cedo nas escolas os valores para conviver em sociedade de maneira justa, respeitosa e harmoniosa. Metodologicamente foi realizada uma entrevista com a equipe pedagógica e aplicado um questionário para professores de cinco escolas públicas da Educação Básica, do Ensino Fundamental I, pertencentes à Rede Municipal de Ensino de Dois Vizinhos, que têm alunos com necessidades educacionais especiais inclusos, a fim de obter respostas e dados que demonstrem os efeitos de tal convivência/interação na formação humana da comunidade escolar, ou seja, os efeitos da convivência dos alunos com TEA para aos alunos típicos.

Palavras-chave: Educação básica. Inclusão. Transtorno do Espectro Autista (TEA).

ABSTRACT

The present work addresses the positive impacts caused to the school community from living with children with autism spectrum disorder (ASD), specifically with their peers. It is intended to demonstrate that inclusion does not bring benefits only to those included, but also to society as a whole. Thus, the objective is to demonstrate that inclusion is something that must be increasingly present in schools and other environments, in order to avoid oppression, constraints and exclusion of these individuals. Besides to teaching and promoting from an early age in schools the values to live in society in a fair, respectful and harmonious way. Methodologically, an interview was carried out with teachers and pedagogical staff from five public schools of Basic Education, from the Elementary School, belonging to the Municipal School System of Dois Vizinhos, which have students with special educational needs included, in order to obtain answers and data that demonstrate the effects of such coexistence/interaction in the human formation of the school community, in other words, the effects of the coexistence of students with ASD for typical students.

Keywords: Basic education. Inclusion. Autism Spectrum Disorder (ASD). Peer interactions.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Objetivos.....	12
1.1.1 Objetivo geral.....	12
1.1.2 Objetivos Especificos.....	12
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	13
2.1 Contextualização Histórica	13
2.2 TEA – Transtorno do Espectro Autista	16
2.3 Interação entre pares	19
2.4 A escola e o processo de inclusão	22
3 METODOLOGIA	27
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
4.1 Análise questionário professores	30
4.2 Análise entrevista coordenadores	34
4.3 Consequências das interações	47
5 CONCLUSÃO	50
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICE A – Questionário da pesquisa.....	55
APÊNDICE B – Roteiro da entrevista	57

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um tema que vem sendo discutido muito nos últimos tempos, em especial a interação e a convivência no âmbito escolar. Considera-se ser de extrema importância que essa discussão tenha ganhado tal repercussão, no entanto uma nova percepção pode ser vista a partir destas interações. Também é preciso considerar a grande relevância que essas socializações proporcionam aos alunos ditos “normais”, os típicos e às demais pessoas que pertencem à comunidade escolar impactando positivamente na vida dessas pessoas. Neste contexto avaliar os ganhos e defini-los se serão significativos para todos é um processo demorado, que precisa ser observado e analisado com o tempo (TEODORO; GODINHO; HACHIMINE, 2016, p. 132). Diante disso, a pesquisa pretende sensibilizar pais, comunidade escolar e sociedade em geral sobre os ganhos da inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino comum.

O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento, atualmente muito conhecida, principalmente nas escolas, pois são nesses locais que podem ser percebidos os sintomas de uma forma mais ampla, apesar de ser possível perceber esse diagnóstico antes da inserção no meio acadêmico pelos pais e cuidadores. Quando essas crianças começam a sua jornada escolar encontram muitas dificuldades, como qualquer outra criança, por ser um mundo diferente do seu habitual, mas para os alunos com autismo esse desafio acaba sendo ainda maior, pois é na educação infantil que eles começam a desenvolver outras habilidades, principalmente a parte de socialização e demonstração de sentimentos e emoções, exatamente as áreas que o TEA apresenta comprometimentos. Martins e Monteiro (2017, p. 222) ainda destacam, "Apesar dos descritos comprometimentos quanto à interação do autista com o outro, a ênfase nas relações sociais pode apresentar-se como a chave que possibilita o desenvolvimento desses sujeitos". Com isso é necessário que seja feita um bom planejamento das intervenções/adaptações utilizadas em sala de aula, visto que as aulas devem abranger a todos os alunos da classe, sem exclusão e conseguir proporcionar um aprendizado e desenvolvimento significativo a todos, atendendo as especificidades de cada aluno.

A partir da visão de que é um desafio para os alunos com TEA socializar e interagirem com os demais colegas e professores, percebe-se também que há muita dificuldade dos demais colegas em aceitar e conviverem de forma igual com o autista, pois não entendem a realidade deles (BENINI; CASTANHA, 2016, p. 6). Com isso é relevante mostrar a estes alunos desde a educação infantil que há diferenças entre as pessoas, tanto comportamentais, como físicas e emocionais, ensinar a respeitar o próximo com cada particularidade e também a conviver em harmonia. Na sociedade há uma variedade enorme de pessoas e para ter harmonia, é necessário que ocorra respeito, ética, moralidade e principalmente empatia com o diferente. Isso faz com que todos possam viver em uma sociedade melhor, mas para que isso ocorra, é necessário trabalhar essas questões desde crianças e também com os pais, tanto do aluno atípico, quanto do típico desde a Educação Infantil, visto que é nesse período que há uma formação primária de caráter e valores.

A convivência e socialização de todas as crianças proporciona esse caminho para uma sociedade futura mais justa, com equidade e sem exclusões, sempre buscando interações benéficas a todos. Segundo, Martins e Monteiro (2017, p. 222) “Ao olharmos para o desenvolvimento e educação de alunos autistas temos que considerar a relevância das relações sociais e de sua interação com os outros com os quais convivem”. Por isso, precisa-se obter bons resultados dessas interações escolares, a qual necessita ser mediada sempre por profissionais preparados para lidarem com situações adversas que possam ocorrer. Nesse sentido, é fundamental o apoio de uma equipe multidisciplinar.

Esta pesquisa tem a intenção de contribuir de uma forma direta com a comunidade escolar, mostrando que alunos com TEA também contribuem com o desenvolvimento dos demais alunos, principalmente em aspectos como respeito, moralidade, ética e cidadania. É um meio de interação que pode favorecer a todos os envolvidos, pois aprendem a respeitar e interagir desde cedo com todas as pessoas e suas especificidades. Este trabalho visa proporcionar um melhor entendimento das realidades distintas, caracterizando-as como benéficas a todo o âmbito escolar.

Percebe-se a relevância do presente trabalho na medida em que se observa uma necessidade de repensar as diferenças entre os alunos e demonstrar pontos positivos nessas interações, a fim de tornar essas crianças adultos respeitosos, tolerantes e compreensíveis à toda a diversidade. Aspectos benéficos a toda a

comunidade escolar, de forma direta e mais proveitosa especificamente aos alunos que convivem com os alunos com TEA e as demais pessoas que estão inseridas nesse âmbito escolar.

Os temas presentes abordam a importância das interações das crianças com seus pares, mostrando os aspectos benéficos desta socialização para ambos e o importante papel da escola neste processo de inclusão.

Com isso, foi aplicado um questionário para os professores e foi realizada uma entrevista semiestruturada com a coordenação pedagógica de escolas de Ensino Fundamental do município de Dois Vizinhos. Com os dados obtidos, corroborando com a hipótese proposta, de fato pode-se ter benefícios com as interações sociais de alunos atípicos com os típicos no seu desenvolvimento global.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Avaliar os desafios e os ganhos sociais e pedagógicos no processo de inclusão de discentes com Transtorno do Espectro Autista na comunidade escolar de ensino comum.

1.1.2 Objetivos Específicos

Avaliar se o processo de inclusão de alunos com TEA em escolas de ensino comum traz benefícios aos alunos típicos.

Identificar os desafios enfrentados pela comunidade escolar em relação à inclusão do aluno com TEA;

Analisar a visão de professores e pedagogos quanto a convivência dos alunos atípicos com os alunos típicos;

Investigar se a escola está apta para realizar o processo de inclusão de alunos com TEA.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Contextualização Histórica

Há muitos anos já se estudam casos de um tipo de distúrbio ¹, que conferem com os critérios e diagnósticos de autismo, mas que até então eram considerados atrasos no desenvolvimento mental. O termo Autismo surgiu em 1908, com o psiquiatra suíço Eugen Bleuler, mencionado como uma característica, até então associada a esquizofrenia, termo referente a inabilidade de comunicação (BARBOSA, 2014).

Em 1943, o psiquiatra Leo Kanner publicou o seu trabalho “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo” e descreveu 11 casos, em que essas crianças apresentaram isolamento extremo e uma obsessão pela rotina repetitiva. Em 1949, utilizou o termo “autismo infantil precoce”, pois tais sintomas eram percebidos na primeira infância, além de perceber também um maneirismo motor e elementos não convencionais utilizados na comunicação (ALVES, LISBOA, LISBOA, 2006, p. 03). Já em 1944 o autor Hans Asperger também escreveu um artigo intitulado “A psicopatia autista na infância”, que destacava a ocorrência maior no sexo masculino, apresentavam atitudes e diálogos unilaterais, hiper foco, descoordenação motora, dificuldade em relacionar-se e ausência de empatia. O seu trabalho foi pouco visto na época, por conta da guerra, mas em 1980 foi reconhecido como sendo o pioneiro na temática (DIAS, 2015, p. 309).

Com essa mudança significativa em relação às suas posições dos anos 1940 e 1950, Kanner, a nosso ver, mostrava ter percebido a nova direção dos ventos das teorias e pesquisas sobre o autismo e contribuía para o declínio, na passagem dos anos 1960 para os 1970, das hipóteses psicodinâmicas a respeito do transtorno (LIMA, 2014, p. 121).

Foi publicado pela Associação Americana de Psiquiatria, em 1952, a primeira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM-1). Tal documento foi referência mundial tanto para pesquisadores como para médicos, onde o manual concede nomenclaturas e critérios padrões para diagnosticar os transtornos

¹ Na atualidade os termos “distúrbio” e “Autismo” estão em desuso, uma vez que a partir da aprovação do Manual Estatístico e Diagnóstico dos Transtornos Mentais (DSM5), os termos corretos são Transtornos do Espectro Autista (TEA).

mentais. Nesta edição, o autismo não era classificado como uma condição específica e sim como sendo um subgrupo da esquizofrenia. Nos anos 50 o autismo não tinha uma origem concreta, assim acreditavam que o distúrbio era causado pela falta emocional dos pais, tal hipótese criada também por Leo Kanner, era chamada de “mãe geladeira”. Mas já nos anos 60 houve um aumento nas evidências que sugeriam o autismo como um transtorno cerebral desde a infância e presente nas diversas comunidades, indiferente de grupo social e étnico-raciais (KLIN, 2006).

Devemos, então, supor que essas crianças vieram ao mundo com uma incapacidade inata de estabelecer o contato afetivo habitual com as pessoas, biologicamente previsto, exatamente como as outras crianças vêm ao mundo com deficiências físicas ou intelectuais (KANNER, 1943).

Temple Grandin, foi diagnosticada com Síndrome de Asperger e em 1965 criou a “Máquina do Abraço”, onde o aparelho simulava abraços para acalmar autistas. Além de revolucionar as práticas de abate aos animais, Grandin presta consultoria para a indústria e ministra palestras por todo o mundo a respeito da importância de ajudar a desenvolver as potencialidades de crianças diagnosticadas com o autismo. Michael Rutter, é um psiquiatra que em 1978 classificou o autismo como sendo um distúrbio do desenvolvimento cognitivo. Dessa forma criou um novo marco na compreensão desse transtorno. Sua definição é baseada em quatro critérios: dificuldade de socialização; problema de comunicação; movimentos e ações estereotipadas; inicia-se antes de 30 meses de idade. Essas descobertas de Rutter em junção à novos estudos, corroboraram para o desenvolvimento do DSM-3, no ano de 1980. A partir deste novo manual o autismo foi então reconhecido como uma condição específica e inserido na nova classe, dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID). Com isso, o termo está relacionado às as múltiplas áreas do cérebro que são afetadas e a condições relacionadas ao autismo (KLIN, 2006).

Rutter e colaboradores reservaram parte de seu estudo comparativo para contestar as teses relacionais sobre a origem do autismo, lançando mão de entrevistas padronizadas e um inventário para “traços obsessivos” e “disposição neurótica” visando definir o perfil parental. Sua conclusão foi a de que não havia suporte para a descrição dos pais como frios, obsessivos ou socialmente retraídos. A única diferença encontrada a esse respeito era que as mães dos autistas mostravam “menos calor” em relação aos filhos autistas, em comparação com seus irmãos normais. Os autores argumentaram, entretanto, ser compreensível que uma mãe tivesse mais dificuldade em

demonstrar afeto para uma criança que não respondia aos apelos e demandas alheias (LIMA, 2014, p. 122).

O conceito de espectro foi desenvolvido pela psiquiatra Lorna Wing em 1981. Seu estudo foi revolucionário e modificou a visão do autismo, possui grande influência por todo o mundo. Lorna é também mãe de autista, assim conseguiu defender da melhor forma a compreensão e os serviços prestados à essas crianças e seus familiares. Além de fundar a National Autistic Society, em parceria com Judith Gold e também o Centro Lorna Wing (LIMA, 2014, p. 120). Em 1988, o psicólogo Ivar Lovaas publicou seu estudo a respeito da análise do comportamento, e destacou a importância e benefícios da terapia comportamental intensiva. Este estudo foi realizado com dezenove crianças com idade entre 4 e 5 anos, em que foram submetidas a 40 horas de atendimento e com o passar de dois anos ocorreu um aumento em média de 20 pontos no QI destes. No decorrer dos anos 1980 e 1990 a terapia e os ambientes de aprendizagem surgem como sendo as principais e fundamentais formas de tratamento para o autismo (GOMES et al, 2019).

Em 1988, Rain Man foi o primeiro filme a ter um personagem com autismo. Mesmo com a atribuição essencial para conscientização e sensibilização à sociedade sobre o transtorno, a obra proporcionou uma interpretação errada das pessoas com TEA, pois demonstrou que todas possuem “savant”, uma disfunção cerebral que o indivíduo possui altas habilidades em certas áreas. Foram avaliados novos critérios para o autismo, onde o estudo utilizou cerca de mil casos estudados por cem avaliadores diferentes. Assim, em 1994 o DSM-4 e a Classificação Estatística Internacional de Doenças (CID-10) passaram a ser análogos. A Síndrome de Asperger é inserida ao DSM e amplificou o espectro autista, considerando os casos mais leves, onde os indivíduos são mais funcionais. No ano de 2007, a Organização das Nações Unidas (ONU), instituiu o Dia Mundial da Conscientização do Autismo, sendo em 2 de abril, visando mostrar a relevância para a sociedade de conhecer e tratar o autismo. Depois, em 2018 esta data foi inserida no calendário brasileiro oficial (AUTISMO E REALIDADE, 2020).

No Brasil foi sancionada a Lei Berenice Piana (12.764/12), a qual instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. A lei foi um marco legal de extrema importância, a qual garantia os direitos ao indivíduo com TEA, como o direito de um diagnóstico precoce, tratamento

e medicação por meio do Sistema Único de Saúde (SUS), o direito à educação e ao trabalho. Já em 2013, quando foi editado o DSM-5, este recebeu as subcategorias do autismo em único diagnóstico o Transtorno do Espectro Autista (TEA), assim o diagnóstico é único, apenas com níveis de gravidade diferentes (CASTANHA, 2016, p. 21). Neste momento a Síndrome de Asperger passa a fazer parte do espectro e foi definido para o diagnóstico do autismo dois critérios: deficiências sociais e comunicativas e comportamentos estereotipados repetitivos. Em 2014, foi realizado um estudo que mostrava que não somente a genética, mas que também os fatores ambientais são importantes para o desenvolvimento do autismo. Foi uma grande descoberta, pois até então, só eram considerados os fatores genéticos, cerca de 80% a 90% de risco. Na Suécia, 2 milhões de pessoas foram acompanhadas de 1982 a 2006, e observaram fatores como complicações no parto, infecções e uso de drogas por parte da mãe antes e durante a gravidez (SANCHES, et al, 2017). No ano seguinte, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (13.145/15) criou o Estatuto da Pessoa com Deficiência, para proteger o autista em relação às definições de deficiência, as quais, caracteriza-o com atrasos nas diversas áreas. Este Estatuto é significativo para a defesa de igualdade, combate à discriminação e para proporcionar regulamentação adequada, acessibilidade e atendimento (SANTOS, 2018).

No ano de 2020 a Lei Berenice Piana (12.764/12) e a Lei nº 9.265/96 foram alteradas, e foi criada a nova Lei Romeo Mion (13.977/20), na qual é instituída a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (CIPTEA) (BRASIL, 2020).

2.2 TEA-Transtorno do Espectro Autista

O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento, caracterizado basicamente por padrões comportamentais repetitivos, dificuldade de socialização, verbalização, aprendizagem, e que afetam o seu desenvolvimento, tanto nos aspectos, sociais, intelectuais e afetivo-emocional. Os indivíduos com TEA já começam a apresentar os sintomas por volta dos 3 anos de idade, período em que os seus neurônios

responsáveis por seus relacionamentos sociais e os de comunicação não irão estabelecer as conexões desejadas, como de costume (BARBOSA, 2014)

Há alguns critérios para diagnosticar o TEA, entre eles estão déficits persistentes na comunicação social: na reciprocidade socioemocional, em comportamentos comunicativos não verbais e déficits também para desenvolver e compreender os relacionamentos. Dentro desse diagnóstico há graus de gravidade, sendo eles avaliados pelos prejuízos na falta dessa comunicação e também nos padrões comportamentais, que são repetitivos e restritivos. Esses sintomas devem aparecer já no início do desenvolvimento da criança, entre eles pode-se destacar os padrões comportamentais repetitivos, como movimentos motores, usar sempre os mesmos objetos, falas e excesso de organização padronizada, há também a insistência de mesmas coisas, negação em novas atividades e rotina, seguindo sempre uma rotina certa até em sua alimentação e caso não ocorra esse ritual a criança apresenta irritação, sofrimento e dificuldade em adequar-se. Possuem interesses fixos e muito restritos de forma anormal e hiper ou hiporreatividade aos diferentes estímulos sensoriais. Tais sintomas podem demorar a aparecer caso o ambiente esteja favorável e confortável ao indivíduo, assim não excedendo suas limitações. Além disso, esses sintomas também provocam prejuízos em outras áreas importantes, como profissional, social, entre outras (DSM-5, 2014, p. 50).

O Transtorno do Espectro Autista é um transtorno neural, dentre suas características presentes encontram-se comportamentos diferenciais em suas interações sociais, que já podem ser vistas desde pequenos com a socialização com seus familiares. O desenvolvimento da criança é afetado principalmente na área de comunicação, comportamental e de interações sociais (GUIMARÃES, 2017). Com isso, é desafiador a inclusão desses alunos no meio escolar, mas para que isso funcione é necessário a participação de toda a comunidade, desde pais, professores, demais funcionários da escola e dos outros alunos da classe, esses que possuem um papel significativo nesse processo. Os sintomas então começam a aparecer no período que antecede a sua introdução escolar, que é onde perceberá as suas maiores inabilidades. (BARBOSA, 2014 apud RODRIGUES; SPENCER, 2010, p. 18). Pois quando a criança ingressa a sua vida acadêmica, encontra vários obstáculos a serem seguidos, obstáculos que ocorrem até mesmo para alunos sem o transtorno. Mas para o aluno com TEA essas dificuldades aumentam, pois em uma sala de aula

irá se deparar com cerca de 20 alunos, onde é necessária uma socialização com os colegas e também professores. Além disso, faz-se necessário adaptações curriculares de pequeno² e grande porte³ para poder acolher este aluno.

Pode-se destacar como características diagnosticas essenciais do transtorno o atraso na comunicação social recíproca, interações, os padrões repetitivos e restritivos em seus comportamentos, interesses e atividades. Tais sintomas se tornam presentes no início da infância, onde acabam limitando e na grande maioria acaba prejudicando o funcionamento diário. Essas manifestações podem variar conforme a gravidade, do nível do desenvolvimento e idade cronológica. A partir disto, entende-se o porquê ser conhecido e chamado de Espectro, pois ele abrange outros transtornos, conhecidos previamente como autismo infantil precoce, transtorno de Asperger, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, transtorno desintegrativo da infância e transtorno global do desenvolvimento (DSM-5, 2014, p 53). Com isso, o termo autista passou a ser reconhecido e incluído com outros transtornos globais, passou então para TEAs. Os diagnósticos que se enquadram nesses transtornos, possuem como principal característica déficits na interação social. Ainda a respeito das características, os déficits na comunicação, tanto os verbais e os não verbais, apresentam também variadas manifestações, dependendo de idade, nível intelectual, capacidade linguística, histórico de tratamento e apoio. Esses déficits de comunicação podem variar de total ausência de fala, podem apresentar atrasos, ou até mesmo compreensão reduzida e fala em eco. Já déficits no socioemocional, que não apresentam a capacidade de reciprocidade, são muito evidentes nessas crianças. Pois não possuem, ou é mínima a capacidade de iniciar interações, compartilhamento de emoções e sentimentos, a imitação é muito reduzida e até mesmo ausente. Caso ocorra algum tipo de interação social, a linguagem utilizada por essas pessoas costuma ser unilateral, utilizada geralmente apenas para solicitação ou rotulação e sem reciprocidade. Dessas socializações mínimas, a comunicação não verbal é muito afetada, pois habitualmente estes indivíduos não utilizam de contato visual, gestos, expressões faciais, entonação da fala e orientação

² São adaptações não significativas, aquelas ações que são de responsabilidade exclusiva do professor, que modifica e adapta no currículo conforme a necessidade (MEC, 2000).

³ Adaptações significativas, ou seja, modificações e adaptações que alterem o ambiente de forma estrutural, envolvem órgãos superiores da Administração Educacional Pública (MEC, 2000).

corporal. (DSM-5, 2014, p. 53). Essa falta de compreensão e, conseqüentemente, isolamento, afeta diretamente na aprendizagem do aluno com TEA, visto que a interação com os demais alunos é de suma importância no seu desenvolvimento.

Segundo Paraná (s.d apud Organização Mundial da Saúde – OMS, 2019), há em torno de 70 milhões de pessoas com o transtorno em todo o mundo, sendo só no Brasil 2 milhões de casos. Sendo mais predominante em pessoas do sexo masculino do que no sexo feminino. Há um diagnóstico considerado como diferencial nos quadros de autismo, que envolvem distúrbio invasivos do desenvolvimento, a síndrome de Asperger, a síndrome de Rett e alguns transtornos desintegrativos, além dos não especificados. Esse diferencial acaba dificultando o diagnóstico clínico, pois existem muitas semelhanças entre si (ASSUMPÇÃO; PIMENTEL, 2000, p. 38).

2.3 Interação entre pares

O autor Mead (1934/1972) estudou sobre a gênese do eu humano no processo da interação social e sua teoria foi denominada de interacionismo simbólico, com isso ele foi um dos primeiros autores a pontuar a socialização como uma construção da identidade social com a interação com os demais. (CAMARGO, BOSA, 2009 apud DUBAR, 1999). Para ele esse processo de interação/socialização possui um centro, os gestos. Esses gestos devem ser recebidos, entendidos e então devolvidos para seus pares com um entendimento, dessa forma os gestos são ações incompletas, essas ações devem possuir complementações e um sentido, mas esse sentido se dá pela interação com o outro. Os outros são os agentes importantes para essa socialização, pois são pessoas que interagem diretamente e também possuem uma participação importante na construção e adaptação deles no meio social. Por isso, para conseguir ter uma socialização efetiva é necessário ter essa base anteriormente trabalhada em cima do “eu”, sendo mediada por suas respostas (CAMARGO; BOSA, 2009).

A socialização vem de um processo, onde essas relações proporcionam o afloramento da linguagem, do desenvolvimento cognitivo e do conhecimento pessoal e dos outros indivíduos (MOURA, 1993). Outro conhecimento também

aparece, como, o conhecimento sobre o mundo, isso viabiliza as relações conjugais e parentais futuras, sendo elas de extrema importância.

As interações entre pares são muito benéficas a todos os envolvidos, principalmente em pequenos grupos, onde é possível obter um melhor aproveitamento. Esse aproveitamento ocorre como uma “via de mão dupla”, pois tanto os alunos com o TEA recebem esses benefícios das interações, mas também passam uma maneira diferente de levar a vida, isso faz com que os demais alunos aprendam e vivenciem desde cedo as diferenças, aprendendo sobre respeito e a conviver com as diversas diferenças que existem entre as pessoas.

A escola comum é o ambiente mais adequado para se garantir o relacionamento dos alunos com ou sem deficiência e de mesma idade cronológica, a quebra de qualquer ação discriminatória e todo tipo de interação que possa beneficiar o desenvolvimento cognitivo, social, motor, afetivo dos alunos, em geral (MANTOAN, 2003, p. 23).

Nesse aspecto a interação entre os alunos é algo que deve ser cada vez mais discutido e incluído, sempre visando os benefícios para toda a comunidade escolar. Mas sempre há os contrapontos nessa relação, em que cada caso deve ser estudado de forma individual, pois existem diferentes graus de TEA. Com isso, surge a necessidade de encontrar maneiras variadas de tratar cada caso, de acordo com a especificidade de cada aluno com o TEA, de seus pares e também do contexto escolar que estão inseridos.

Sobre a inclusão no Brasil, Saviani (1999) já mencionou que a LDB nº 9.394/96 foi um marco nessa questão, uma vez que esta lei contempla o acesso à educação para pessoas que sempre estiveram fora desse processo de escolarização. A partir disso a inclusão está cada vez mais presente no meio social e escolar, principalmente com a oficialização desse paradigma na Constituição de 1988, reafirmando o direito de frequentar e a igualdade de acesso à escola nas escolas de ensino regular (GUIMARÃES, 2017)

Com o acesso e garantia de acesso à escolarização para esses alunos houve um aumento nos casos de TEA, mas isso se dá pelo fato de que depois das legislações que favorecem esses alunos, eles começaram a frequentar mais as escolas, disso deu-se tal aumento de diagnósticos. Os pais tiveram mais acesso à informações e conseguiram muitas vezes perceber tais transtornos em seus filhos,

que talvez antes passassem despercebidos. Essa inclusão deve ser valorizada ainda mais pelos responsáveis, que sabem da importância que tal ação proporciona aos seus filhos. Aos demais alunos que estão inseridos no espaço escolar, este processo de inclusão também deve ser visto como positivo, pois é na escola que aprendem sobre diversidade e respeito, essa diversificação proporciona um grande aprendizado pessoal e social. Possibilita interações saudáveis, significativas e harmoniosas, que contribuem principalmente para a formação adulta e atuação social.

Essas ações de inclusão devem ser muito bem pensadas e planejadas, pois caso seja mal introduzida pode provocar prejuízos enormes, acarretando ainda mais em isolamentos e rejeição dos pares. Para obter resultados significativos, deve-se planejar previamente em função do aprendizado com base nas necessidades de cada um, especificamente do TEA, avaliar e analisar o quadro particular, pois há variação comportamental de cada caso. Segundo estudos de alguns autores (LEMOS; SALOMÃO; AGRIPINORAMOS, 2014), a inclusão escolar tem grande importância na interação entre pares, auxilia no desenvolvimento da capacidade social, no potencial emocional e reduz o processo excessivo de isolamento (GUIMARÃES, 2017).

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social (VYGOTSKY, 1991, p. 24).

Henry Wallon descreve sua teoria do desenvolvimento sendo ela gradual e emocional, até formar um ser sócio-cognitivo. Esse autor propõe estágios de desenvolvimento, contudo a sua proposta não se volta para um desenvolvimento da criança de forma linear, e sim possui fases essenciais de crise. Desta forma a ideia principal é a de que um indivíduo só consegue se desenvolver com conflitos em sua vida. Para tal desenvolvimento, a criança necessita destes conflitos interno e cada estágio é determinado por interações específicas com seus pares, sempre que há interações acaba ocorrendo conflitos. Assim como Vygotsky, ele supõe que a socialização é fundamental e indispensável para um bom desenvolvimento humano (BASSO, 2000).

A investigação de Vygotsky a respeito do desenvolvimento e da aprendizagem, diz que a partir da obtenção da linguagem, se dá o primeiro modelo de desenvolvimento nas crianças. Isso ocorre de forma natural, sendo que a aprendizagem é uma consequência dessas interações. Por isso, o adulto possui função importante em mediar ao aluno a assimilação e aquisição da linguagem e de formas culturais, sendo elas geralmente não separadas, e sim, gerando uma aprendizagem de interação sociocultural. Ele também menciona a zona de desenvolvimento proximal, que parte da ideia sociocultural de desenvolvimento, onde todo o desenvolvimento e processos cognitivos das crianças precisam ser analisados conforme os seus vínculos sociais (IVIC, 2010, p. 16).

Essas interações juntamente com a comunicação e comportamento, articulam em prol do desenvolvimento humano e esse processo deve-se iniciar desde as idades menores. O autismo causa prejuízos exatamente nestas áreas, então é função da escola trabalhar e auxiliar estes alunos, analisando suas dificuldades específicas e orientá-los com estratégias pensadas, visando proporcionar habilidades, conhecimentos e a inclusão destes (LEMONS; SALOMÃO; AGRIPINO-RAMOS, 2014).

A interação entre pares, é um ponto central para o desenvolvimento dos indivíduos, principalmente na infância. Pois parte dela uma aprendizagem mais significativa e também uma instrução de cidadania e sociedade, gerando valores para as gerações futuras. Sempre ressaltando que tais ações devem ser planejadas de forma adequada para que não provoque o inverso do planejado, sendo que a primeira parte desse planejamento, envolve diretamente a formação de professores e o preparo da comunidade escolar.

2.4 A escola e o processo de inclusão

A escola possui um papel extremamente importante nessas relações, pois é o local onde irão ocorrer as interações sociais. Mesmo que a base do respeito à diversidade já deve ser de casa, papel da família, a escola é o local onde essa interação ocorre de fato. Com isso os professores possuem esse papel mediador entre os alunos com TEA e os demais alunos, fazendo com que essa relação possa ser benéfica e proveitosa para toda a comunidade escolar.

Mas tudo isso sendo entendido como um processo de trabalho que é necessário para que a escola acolha a todos os alunos, sem preconceitos e consciência de seus compromissos de formadora e não apenas de instrutora das novas gerações e transmissora de um saber, que é ultrapassado continuamente e que, assim sendo, não pode ser sistematizado aprendido/ensinado, como antes (MANTOAN, 2011, p. 16.)

A inclusão vai muito além de criar escolas especializadas, no processo de incluir é necessário que de fato ocorra essa integração dos alunos com o transtorno em escolas de ensino comum. Mas é de muita importância a formação especializada de professores auxiliares na educação especial, pois há um déficit considerável desse preparo tanto nos professores de apoio, como principalmente na formação dos docentes de sala de aula. Com isso, há necessidade de que políticas educacionais sejam cada vez mais presentes na realidade da Educação Especial, buscando uma formação eficiente de toda a equipe pedagógica e especialmente dos professores regentes da turma e de professores de apoio (BOENO et al., 2018).

Segundo Paiva (2018), dentre as barreiras que impedem o desenvolvimento do processo de inclusão, está na não implementação de um modelo educacional inclusivo. No ano de 2018, ocorreu uma proposta de reforma da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva criada pelo MEC (2008). A reforma sugeriu alterações, e ratificou o que já contava na LDB ° 9394/96 que a Educação Especial é uma modalidade escolar. Além disso, a formação de professores é visivelmente inadequada e insuficiente para a educação inclusiva. Não existem metodologias únicas para esse processo, neste sentido é a partir do momento que os alunos estão inseridos no ambiente escolar, com a vivência, que os professores iniciam o seu preparo, e muitas vezes é sem uma rede de apoio e de incentivo para a realização destas formações.

Um dos fatores que precisam ser repensados é a formação destes professores, pois o papel do professor é imprescindível para ocorrer a inclusão, sendo dele a função de mediador e iniciador das interações em sala de aula. Cabe ao educador a intermediação guiada na socialização inicial dos alunos e, conseqüentemente, observar os avanços obtidos ou o retrocesso. Para isso, BOENO et al. (2018) descreve a importância da reformulação das grades de cursos voltados para formação de docentes e de políticas educacionais, nesse sentido, a fim de garantirem formação continuada a todos os professores, não somente os da educação especial, mas também os que atuam no ensino comum com esses alunos inclusos.

Desta forma Boeno et al. (2018) conclui seu artigo dizendo:

Nota-se que há um déficit quanto à formação dos educadores para o trabalho com alunos com NEE [Necessidades Educativas Especiais]. Observa-se que os recém-licenciados saem da universidade com escassez de conhecimentos sobre a Educação Especial e, portanto, com um despreparo para atuar com a inclusão (BOENO et al., 2018).

A equipe pedagógica em um todo precisa de uma formação adequada, visando aprimorar os conhecimentos obtidos na formação inicial, tendo consciência das habilidades e limitações pessoais e cotidianas, mas buscando uma suplementação para tal base, sendo ela específica e direcionada aos problemas em questão. Trata-se de um leque diversificado de opções a serem seguidas nesse processo, contudo não pode se prender a apenas um meio e sim utilizar de todas as ações possíveis. Com isso a formação destes professores se dá também de forma indireta e contínua dentro das escolas, conforme esses problemas irão surgindo (MANTOAN, 2011). Até os dias atuais o movimento de inclusão é contestado, pois possui caráter intimidador por gerar mudanças. A partir do momento que é iniciada, ela acaba se tornando irreversível e é validada por sua comprovação em aspectos lógicos, éticos e sociais. A inclusão surge para mostrar um abismo quando comparada ao antigo e ao novo, assim o futuro da educação inclusiva depende de expansão e transformação das escolas, buscando se adequarem. Mas tudo isso é possível, mesmo sendo necessário muito trabalho e esforços (MANTOAN, 2011).

As condições atuais permitem transformar a escola em uma só, substituindo a competição por cooperação, objetivando que as diferenças se complementam e todos consigam mostrar seus talentos. A meta é implementar uma escola para todos, modificando e elaborando novos currículos, com a finalidade de intensificar a interação entre professor-aluno, excluindo um padrão hierárquico demasiado. Além disso, o processo de inclusão quer mostrar aos demais que a inclusão é uma oportunidade para que toda a comunidade escolar, alunos e pais mostrem competência e responsabilidade. Os pais são de extrema importância na construção na nova escola, tal instituição aberta às diferenças e inclusão. Esses possuem uma força considerável e essencial no processo de inclusão, pois são deles que partem as ações reivindicadoras e estimuladoras, buscando por melhorias

educacionais e sociais aos seus filhos, sendo eles com ou sem deficiência. (MANTOAN, 2011)

Como pode-se destacar anteriormente, há uma barreira para os indivíduos com TEA, que é a dificuldade de verbalização e de linguagem, tanto na fala oral, como também na corporal. Como o autista não compreende os sinais corporais de seus colegas, ele não irá representar seus sentimentos através de gestos, assim, não ocorrendo interações sociais. Mesmo aqueles que tentam interagir, acabam não sendo entendidos, é onde essas crianças acabam se isolando ainda mais. Parte desse ponto a função mediadora e integradora do professor na sala de aula e da equipe pedagógica nos demais ambientes.

Vygotsky menciona que para haver a formação humana há necessidade de socialização primária. A sociabilidade infantil é fundamental e o marco inicial de interações sociais com os demais. A partir disso, sua teoria baseia-se também no fato de que o ser humano não consegue ter autoconhecimento e nem desenvolvimento aceitável de forma individual, mas sim, necessita de interações e socializações com seus pares (IVIC, 2010, p. 16). Com isso, a socialização desde a primeira infância se mostra extremamente necessária, pois é a partir dela que o indivíduo conhece a si próprio e também alcança o desenvolvimento completo.

Sendo assim, a escola destaca-se como o espaço mais favorável a esse desenvolvimento infantil, pois há a convivência com outros alunos e ocorre a mediação dos professores, as quais favorecem a obtenção e complementação de habilidades individuais e coletivas (LEMOS; SALOMÃO; AGRIPINO-RAMOS, 2014).

Destas interações surgem amizades, companheirismo e compaixão, sempre que guiadas da forma correta. Nietzsche dizia que na amizade é onde se pode compartilhar vivências e experiências, momento de interagir e demonstrar sentimentos. A partir disso, observa que a amizade é uma relação de mão dupla, assim ocorre uma troca de informações e dela há a troca de saberes, um aprende com o outro dentro dessas socializações (PINEL, 2017, p.148). Em uma sala de aula, quando ocorre a mediação efetiva de adultos, é provável que a socialização guiada resulte em relações amigáveis e proveitosas.

Uma boa interação é fundamental para se criar uma aprendizagem ideal e significativa. Por meio dessas socializações, ocorre uma troca de conhecimentos e com isso aprendem novas coisas e isso auxilia na construção de valores. Mas é

importante frisar que para ocorrer de forma efetiva esse processo, a equipe pedagógica deve estar presente e participar juntamente com os professores das ações inclusivas, além de orientar sobre os procedimentos a serem realizados em sala de aula. Um ponto importante que o professor deve observar para a interação é o professor perceber os conhecimentos prévios e habilidades de cada aluno, desta forma facilita na hora de planejar as atividades e principalmente para saber organizar as atividades em sala, tais atividades podem ser adaptadas para serem efetuadas em duplas ou grupos. A partir disso o docente consegue então obter maior eficácia no processo de inclusão/interação (MAYRINK; MASSUCATO, 2016).

Essa interação com os pares, colegas mais experientes e com os professores incide na zona de desenvolvimento proximal, defendida por Vygotsky, impulsionando o desenvolvimento de todos os alunos. Isso representa um grande desafio para a escola, uma vez que os alunos com TEA possuem, de modo geral problemas na interação social e na linguagem, fundamentais nesse processo de ensino e aprendizagem.

4 METODOLOGIA

Este trabalho envolveu pesquisa bibliográfica e de campo, sendo que os dados foram analisados numa abordagem qualitativa. A pesquisa deu-se em dois momentos com público distintos, pois primeiramente foram utilizadas entrevistas semiestruturadas para os coordenadores e no segundo momento um questionário para os professores, para obter-se respostas mais amplas e que cada participante pudesse expor os fatos de forma clara, pontual e verdadeira a respeito da inclusão.

Nesse contexto, participaram da pesquisa 3 professores e 3 coordenadores pedagógicos das escolas de Ensino Fundamental I da rede Municipal de Dois Vizinhos – PR, nas quais estudam alunos com TEA. Vale ressaltar que foi feito um levantamento junto à Secretaria Municipal de Educação e das 13 escolas da Rede Municipal, 10 delas têm matriculados alunos com TEA. O critério de seleção das escolas, cujos profissionais participaram desta pesquisa foram as cinco escolas que apresentam maior número de alunos com TEA. Os professores que participaram do questionário são os professores regentes das turmas de 4º e 5º ano que possuem alunos autistas. A escolha dos professores se justifica pelo fato dos alunos já terem passado pelo processo de alfabetização e estarem no estágio de conclusão desta etapa do ensino. Os coordenadores pedagógicos que participaram da entrevista, foram selecionados a partir do número de alunos com TEA, sendo os que possuem maior número de alunos com TEA no período que atuam como coordenadores. Os entrevistados participaram de uma entrevista via meet, devido à situação atual de pandemia⁴, e assim expuseram as suas vivências e experiências de forma clara e pontuando sempre as dificuldades e pontos positivos encontrados diariamente nas salas de aula que possuem matriculados alunos com TEA. A equipe pedagógica, também foi questionada sobre os impactos que essas interações proporcionam à escola de uma forma mais ampla, pois podem possuir uma visão diferente dos professores atuantes da sala de aula.

Essa mesma entrevista seguiu-se de forma semiestruturada com 8 perguntas pré-elaboradas (Apêndice A) para se conseguir respostas objetivas e claras, sendo esta, aplicada especificadamente à equipe pedagógica, com o intuito de

⁴ Pandemia é o termo utilizado para uma doença com distribuição geográfica mundial, como a COVID-19 que foi uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (OPAS).

que as respostas fornecidas pelos coordenadores pedagógicos fossem mais abrangentes no contexto de toda a comunidade escolar e não apenas com visão de sala de aula. A entrevista ocorreu de forma individual com cada professor e equipe pedagógica, tal entrevista, após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UTFPR, foi gravada com a permissão de cada entrevistado e utilizada somente para análise de respostas. Os entrevistados tiveram liberdade para expor suas concepções, vivências e experiências, com isso não foram revelados nomes dos entrevistados e nem nome da instituição, sendo identificados como coordenador A, B e C.

Para os professores regentes o questionário foi elaborado no Google Forms e após isso, gerado um link e enviado pelo WhatsApp, onde os professores participantes puderam acessar e responder as perguntas. Ao todo eram 7 perguntas específicas para os professores (Apêndice B). Os professores foram identificados também como professor A, B e C.

Os resultados da entrevista foram transcritos pelo método de transcrição adaptada, onde utiliza-se apenas as respostas sintetizadas, ignorando aspectos da fala irrelevantes, como repetições, manias de fala e outras expressões. As respostas foram identificadas com o pseudônimo de cada pessoa. Já as respostas obtidas através do questionário foram reproduzidas fielmente ao original.

Ao final foi realizado um compilado das respostas obtidas na pesquisa e passaram-se a ser analisadas com base na literatura, a fim de obter os resultados desejados e então identificar as fragilidades e os benefícios para os demais alunos que estudam e convivem com os alunos que possuem o TEA.

Depois de obtidas as respostas, desenvolveu-se um quadro para análise, sendo estes, quadros separados em suas duas categorias, um para as perguntas do questionário e outro para a entrevista e então foram analisados os dados encontrados nesta entrevista.

Após o final das entrevistas e das respostas dos questionários, foi utilizada a metodologia de análise de conteúdo, mencionado por Bardin (2011) para analisar as respostas obtidas, para, então, poder ter os dados mais claros e cumprir com os objetivos da pesquisa. Tal metodologia se divide em três etapas diferentes, sendo a pré análise, exploração do material e o tratamento dos resultados.

Inicialmente ocorreu uma pesquisa bibliográfica para embasamento e formulação da hipótese, no segundo momento testar a hipótese com a entrevista e o questionário e por fim compreender estes dados e analisá-los. Esta análise deve ter como objetivo comprovar ou refutar a hipótese, com base nos dados é possível observar se há ou não benefícios dessas interações entre alunos atípicos (inclusos) e típicos e também com os demais sujeitos da comunidade escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados a seguir são resultados do questionário e das entrevistas fornecidas pelos professores e equipe pedagógica, respectivamente.

4.1 Análise questionário professores

Nesta seção estão apresentados os dados obtidos da pesquisa, com base no questionário disponibilizado aos professores que atuam em turmas que possuem alunos com TEA. No quadro abaixo, consta com as respostas do formulário dos professores (quadro 1).

Quadro 1: perguntas e respostas dos professores.

Professores/ Perguntas	Professor A	Professor B	Professor C
1. Você percebe diferença no convívio dos alunos típicos, após a inclusão do aluno atípico (com TEA)?	Sim, os alunos típicos aceitam a convivência com os atípicos, sob orientação e esclarecimentos sobre as facilidades e dificuldades que o mesmo apresenta, auxiliando e compreendendo o atípico e também melhorando a compreensão	Sim, no início bastante observação, querem auxiliar, mas atualmente agem com naturalidade.	A aluna em questão já era do convívio do ano anterior.

	das dificuldades dos alunos típicos.		
2. Como as crianças típicas reagem quando o aluno com necessidades educativas especiais passa a frequentar a turma?	Tentam incluir nas atividades, perguntando o que mais agrada o atípico, querem entender como podem ajudar o atípico. A união da turma aumenta em função do atípico.	Procuram ajudar, entender e incluir.	Para os alunos que não a conheciam reagiram normal, na tentativa inclusive de fazer amizade.
3. Como é a convivência das crianças com TEA com seus pares?	Às vezes interage com os colegas, mas tem receio em iniciar novas amizades. No trabalho em equipe consegue participar quando as atividades são mais práticas e desafiadoras (que não envolvam a escrita)	Percebemos mudança no comportamento e até mesmo progresso com relação a aprendizagem. É claro que isso demora um pouco até que aconteça a adaptação.	Por várias vezes tentam trazer ela para a atividade coletiva, mas ela se opõe em trabalhar.
4. Como é o acolhimento da criança típica com o	As crianças típicas tentam acolher, compreender, respeitando os	Dependendo do grau de dificuldade, procuram ser amigável, auxiliar e	Às vezes percebi um olhar de solidariedade.

aluno incluso?	momentos de afastamento e possíveis crises do atípico.	fazer o possível para que o colega se sinta bem e participe das aulas.	
5. O que a inclusão proporciona aos alunos inclusos e aos outros alunos?	A inclusão proporciona crescimento e amadurecimento emocional a todos os envolvidos no relacionamento, tendo como resultado atitudes de empatia, respeito, organização, cuidados emocionais com os seus pares. A preocupação com o bem estar de todos da turma, não só com o atípico. O atípico começa a perceber que suas atitudes também interferem na dinâmica da turma.	A socialização, aprendizado, conviver com as diferenças.	Para alguns não altera a aprendizagem e para outros melhora a convivência.
6. Quais as maiores dificuldades no processo de inclusão?	A falta de conhecimento sobre o assunto, principalmente de como o atípico aprende para adaptar atividades. A	O grau de dificuldade do aluno, a formação profissional e fazer com que o aluno seja realmente inclusivo.	Que ainda não estamos prontos e adaptados para atender e ajudar de fato esses alunos, conseguimos

	disponibilidade de materiais impressos para serem usados com o aluno atípico.		socializar, mas fica a desejar o aprendizado de acordo a necessidade de cada um.
7. As condições estruturais e de trabalho são suficientes para o processo de inclusão?	As escolas não estão preparadas para atender um aluno atípico...cores, sinais sonoros, excesso de informações, desorganização espacial acabam às vezes agitando o atípico. Falta de estrutura tecnológica para facilitar o atendimento, falta de conhecimento sobre o TEA por parte de todos da Escola, desde a alimentação, organização da limpeza, recepção do aluno, maneiras de acalmar o mesmo ainda precisa ser melhorada.	Nem sempre.	Não considero o suficiente, pois já temos uma grande demanda burocrática para atender e necessitamos nos preocupar com o objetivo do nosso trabalho que são nossos alunos. Quanto à estrutura física, para a aluna em questão é tranquila.

Fonte: Autoria própria (2022)

Com base nas respostas obtidas, pode-se notar que de fato há benefícios nessas interações alunos típico-atípico. Partindo do pressuposto que os benefícios não são apenas de mão única e sim duplamente benéfica. Essa interação é de fato difícil no início, mas com o trabalho da escola juntamente com os pais, é possível fazer com que a inclusão se inicie de forma efetiva.

O professor regente é o que está diariamente com a turma, desta forma, é o indivíduo que melhor pode visualizar as interações no dia a dia, as dificuldades encontradas, o que resolve determinadas situações. É aquele que detém uma visão e concepção mais específica da turma, podendo, estimulá-los melhor, para a socialização de acordo com as especificidades de cada um, dentro das suas limitações.

As possibilidades de interação dependem da importância de como cada pessoa irá se relacionar com o transtorno, se a visão é apenas do próprio transtorno ou se é além, a visão de um todo, onde há acima de qualquer coisa, uma criança. Pois se é priorizado apenas a patologia, todo o desenvolvimento será voltado apenas para o técnico, mas se há o olhar para o “sujeito”, valorizando as suas experiências e vivências, as possibilidades se tornam muito maiores, principalmente se as relacionar sempre ao desenvolvimento total da criança (MARTINS; MONTEIRO; 2018).

A importante função de desenvolver o desempenho destas crianças é do professor em sala de aula. A partir disto vê-se a necessidade de educadores bem formados e com conhecimento acerca deste transtorno, pois o professor precisa utilizar de técnicas adequadas para introduzir este aluno na sala com interações sociais (NEUROSABER, 2019). Mas como observado, com as respostas dos professores as escolas ainda não estão com condições suficientes para tal inclusão. Na parte estrutural ainda há dificuldades em algumas instituições, como principalmente a formação e preparo dos professores, sendo que, na maioria das vezes os estudos não são suficientes e apropriados, faltando direcionamentos para conduzir interações sociáveis com qualidade e proveitosas.

4.2 Análise entrevista coordenadores

Para analisar as respostas da entrevista com os coordenadores, também foi produzido um quadro, para facilitar a visualização dos dados.

Quadro 2: perguntas e respostas coordenadores

Coordenadores/ Perguntas	Coordena dor A	Coordena dor B	Coordena dor C
<p>1. Houve alterações na maneira dos professores desenvolver em suas aulas após a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais?</p>	<p>Na verdade, houve sim. Pois ao desenvolver suas aulas para a turma, a professora acaba pensando no aluno especial e desenvolvendo atividades diferenciadas para esses alunos. Porém o conteúdo continua sendo o mesmo.</p>	<p>Muda totalmente a forma de organização do trabalho pedagógico, o planejamento é o mesmo, os conteúdos e as habilidades. Mas na hora de fazer com a criança inclusa geralmente é necessária fazer uma adaptação curricular. Então as atividades são adaptadas, é preciso mudar a estratégia em alguns momentos e incluir outras formas de ensino que chegue a atender as necessidades daquela criança.</p>	<p>Acredito que seja um desafio para a escola e para alguns professores. Alguns são mais receptivos e outros têm mais insegurança. Na nossa escola estamos com alunos incluso desde 2018, então estamos numa caminhada. E acredito sim que os professores procuram fazer alterações, atividades diferenciadas e essas crianças como todas têm seus professores auxiliares, então a professora</p>

			<p>procura repassar para ela algumas atividades diferentes para estar sanando as dificuldades.</p> <p>Como temos também um aluno com autismo severo, é um aluno que requer um cuidado e uma supervisão maior, ele não acompanha as atividades de sala diárias, então tanto o professor regente quanto o auxiliar procuram estar fazendo atividades diferenciadas para trabalhar o que ele realmente precisa no dia a dia, que é muito mais a autonomia do que o conhecimento sistematizado.</p>
2. Como a Equipe	É meu primeiro ano como	O coordenador	Esse auxílio no

<p>pedagógica pode auxiliar no processo de inclusão?</p>	<p>coordenadora, porém acredito que a equipe pedagógica pode auxiliar dando suporte principalmente no início. Pois sabemos que não estamos preparados para receber alunos inclusos. Por mais que buscamos, lendo, pesquisando, sabemos que a realidade é bem diferente. Como coordenadora, tento fazer o meu melhor para auxiliar as professoras com alunos inclusos, conversando, elogiando e incentivando. Os dois alunos que temos na escola, são muito tranquilos, então</p>	<p>pedagógico auxilia com pesquisas, materiais, forma de organização de horários e atendimentos individuais com essa criança sempre que necessário e dá o suporte pedagógico para o professor no que ele necessite para desenvolver o trabalho diferenciado com essa criança.</p> <p>Toda a ponte entre família e escola é feita pela equipe pedagógica e direção, sempre conversando, adequando e apropriando espaços para o atendimento dessa criança.</p>	<p>processo, a gente faz constantemente, desde que essas crianças começaram a vim para escola, então quando essas crianças passam de um ano letivo para o outro a gente já procura conversar com a professora que vai ser a regente e estar repassando algo sobre a criança, tanto a parte cognitiva, emocional, quanto como a gente faz para lidar com algumas questões, para que ele possa se desenvolver da melhor maneira possível. A equipe e direção já está a bastante tempo aqui e conhece essas crianças,</p>
---	--	--	--

	<p>converso com as professoras o máximo possível, ouço suas angústias e tento da melhor maneira possível auxiliar no que elas precisam.</p>		<p>então consegue dar um subsidio bem bacana para os professores quando há essa mudança do ano até o professor conhecer melhor o aluno, e que o próprio professor consiga trabalhar de maneira mais segura.</p>
<p>3. Nos demais ambientes escolares é possível visualizar uma socialização entre os alunos, ou então uma tentativa de socializar, principalmente por parte dos alunos típicos?</p>	<p>Em nossa escola, as crianças gostam muito dos dois alunos. Estão sempre dispostos a ajudar. No início, quando os dois alunos iniciaram na escola, por serem um pouco sapecas, os demais alunos não se aproximavam muito. Mas com o passar dos dias, os dois alunos acabaram</p>	<p>As crianças típicas não tem resistência em aceitar ou incluir a criança com alguma dificuldade específica. Mas quando esse comportamento é bastante severo, às vezes é preciso fazer um trabalho com a turma, no sentido de compreensão daquela dificuldade para eles também</p>	<p>A gente percebe que dentro das possibilidades eles tentam socializar, mas com o autista severo é bem mais difícil essa interação. Os outros autistas participam das aulas de Educação física e se relacionam bem com as crianças. Os alunos também têm um respeito e</p>

	<p>conquistando as crianças.</p>	<p>poderem compreender o porquê as vezes a criança grita, bate as coisas, fica se agitando, ou então porque a criança às vezes precisa fazer uma atividade em outro local em alguns momentos. E quando precisa fazer uma atividade diferenciada a turma também demonstra compreensão e auxílio, eles gostam de ajudar.</p>	<p>uma consideração bem louvável com os seus colegas. Temos 3 autista aqui na escola, sendo na mesma sala, o bem severo e um outro autista que também tem um professor que auxilia, mas que faz as atividades, participa, só não desenvolve muito a oralidade. Quando o aluno mais severo começa a se agitar mais, percebemos por parte dos outros alunos uma certa compreensão, uma empatia da turma pelos colegas com TEA. Em momentos a professora auxiliar retira esse aluno severo da sala, quando está muito</p>
--	----------------------------------	--	--

			<p>agitado, para não atrapalhar a aula.</p> <p>Mas há uma empatia com os dois autistas, a turma já convive desde a pré-escola com eles, hoje já estão no 4º ano, mas já é bem tranquilo a convivência com esses dois alunos.</p>
<p>4. Como os outros alunos (os típicos) respondem à essa inclusão?</p>	<p>Na verdade, nossos alunos são muito receptivos com relação à alunos inclusos.</p> <p>Ajudando, sempre colaborando com as crianças. São muito amáveis.</p>	<p>No começo eles não aceitam tão naturalmente, mas com o tempo se torna bem tranquilo, porque eles entendem que a criança é diferente e compreendem e auxiliam. Depois a turma pega vínculo, se gostam e acabam brincando juntos e essa diferença acaba ficando</p>	<p>Com relação à escola toda também há um olhar, toda a escola e crianças não têm problemas, com relação a isso, com a questão de socialização, da interação do respeito, com relação aos alunos de outras turmas também.</p>

		pequena com o tempo.	
5. O que a inclusão proporciona aos alunos inclusos e aos outros alunos?	Acredito que proporciona um pouco de desafio e um grande aprendizado de ambas as partes.	Conforme o caso as crianças aceitam e se adaptam naturalmente com a inclusão, porém, em outros onde se exige maior compreensão e respeito às situações peculiares de cada um, faz-se necessário, um trabalho com a turminha e com toda a Equipe Escolar. Com certeza os ganhos estão em ambas as partes, sempre é necessário estudar, aprofundar e conhecer a criança para conviver e nesse processo todos demonstram evolução e muitas	O que proporciona é a gente conviver com o diferente, porque a gente está acostumado em uma sociedade onde quase não visam o diferente. Na nossa época quase não víamos na escola pessoas com deficiência e nem na sociedade. Hoje em dia, praticamente em todos os locais que convivemos tem bastante diversidade, da inclusão do diferente. Temos na escola também não só autistas, mas também com deficiência física, e percebemos que as crianças tratam

		<p>vezes mudança de atitude.</p> <p>A criança típica: mais senso de cooperação, sensibilidade, carinho, empatia...</p> <p>E a atípica conquista seu espaço, tornando-se sujeito do ambiente escolar.</p>	<p>com muita naturalidade, tanto os autistas e o aluno cadeirante, então proporciona esse conhecimento do diferente, a aprender a conviver com pessoas que possuam algumas limitações, que possuem algo diferente da gente, mas que são seres humanos, que precisam de amor e carinho, e tem sentimento.</p>
<p>6. Quais as maiores dificuldades no processo de inclusão?</p>	<p>Creio que a maior dificuldade é a falta de preparo dos professores. Por mais que busquemos informações, a prática é totalmente diferente</p>	<p>Os maiores desafios são: preconceito, recursos humanos com qualificação profissional e turmas numerosas.</p>	<p>Na nossa escola a maior dificuldade é falta de espaço físico, falta um local para a professora auxiliar fazer um trabalho diferenciado com esse aluno severo, por exemplo. A</p>

			<p>estrutura de materiais também dificulta, mas isso a gente também pode ir atrás de construir. O maior problema é mesmo o espaço físico, um espaço para se trabalhar mais isolado, com algumas particularidades, com alunos que precisam de um atendimento e de fazer algumas atividades para ter autonomia, como levantar da cadeira, ligar e apagar a luz, comer sozinho, ensinar a brincar, a bater um tamborzinho, a manusear brinquedos e atividades motoras. Tentamos fazer estas atividades</p>
--	--	--	---

			<p>os espaços disponíveis na escola e dentro das nossas limitações. A gente também não tem um preparo adequado para estarmos trabalhando com essas crianças, falta cursos, formação continuada para todos, como uma rede municipal inteira, mesmo que eu não tenha um aluno incluso naquele ano, nos outros eu posso ter, então preciso saber lidar da melhor forma possível. Até mesmo para o profissional quando se deparar não passar por um sofrimento que não precise, com</p>
--	--	--	---

			relação à adaptação e a insegurança. É um problema que ainda precisa de uma caminhada, acho que não só em nível municipal, mas também de Estado.
7. As condições estruturais e de trabalho são suficientes para o processo de inclusão?	Para os nossos alunos, na nossa escola, as condições estruturais estão suficientes. Mas sabemos que nem todas as instituições são assim.	Em muitos casos sim quando a inclusão trata de crianças com laudos mais leves. O maior desafio é nos casos mais severos.	Como respondi anteriormente, as estruturas ainda não são suficientes, é preciso mais estrutura física sim.
8. No processo de inclusão do aluno com TEA a escola teve que realizar adaptações estruturais (físicas) e pedagógicas? Explique.	Na verdade, esses alunos já estão na escola há algum tempo, e confesso que não acompanhei o processo de adaptação	Sim, a Escola está sempre tentando fazer a adaptação do ambiente da sala de aula e também fora dela. Às vezes é necessário realizar a atividade em outro	Na realidade, o que nós fazemos quando recebemos esses alunos, que eram da pré escola. Em 2018, a pré escola retornou a fazer parte das escolas de ensino

		<p>espaço por causa do barulho, agitação, tanto da turma como da criança inclusa... Assim como adequação curricular acontece com o planejamento e desenvolvimento das atividades, também isso acontece na avaliação.</p>	<p>fundamental. Então nós recebemos esse pré II, pintamos a escola para ficar com cara mais de educação infantil, com cores clarinhas que passassem mais a sensação de segurança, por conta destes autistas. Os materiais fomos adquirindo quando eles entraram e fomos conhecendo mais essas crianças.</p>
--	--	--	---

Fonte: Autoria própria (2022)

Para o processo de aprendizado dos alunos, a forma ocorre de maneira igual, porém é a estratégia que deve variar de acordo com a necessidade de cada um. O professor deve conhecer cada aluno e identificar suas habilidades e dificuldades (MANOEL, CONTER, 2016). Utilizar disso para facilitar a inclusão do aluno, favorecer e destacar as habilidades para introduzi-lo naquele grupo, com atividades planejadas e pensadas em um todo, com o intuito de todos sentirem-se bem e valorizados naquele ambiente. As atividades adaptadas seguem o mesmo conteúdo, com adaptações específicas para cada aluno.

A visão da equipe pedagógica não é muito diferente da visão dos professores, pois estão sempre trabalhando juntos para ocorrer a inclusão dos alunos. De fato, a equipe também percebe benefício no processo de incluir os alunos com TEA nas

escolas. As coordenadoras relataram que não somente em sala de aula, mas também nos outros ambientes escolares, como no pátio, há a tentativa de socialização dos alunos típicos com os atípicos, são receptíveis, afetuosos e respeitosos com eles. Nas aulas de educação física também ocorre essa tentativa de interação, de incluir o aluno, mas sempre respeitando suas limitações e desejos. O aluno incluso, nestes casos se sente à vontade com seus colegas e tenta manter uma interação com seus colegas, aprimorando sua comunicação social e também afetiva.

Como a coordenadora C disse na entrevista, há momentos que o aluno com transtorno mais severo tem necessidade de ir para outros ambientes, para poder acalmar-se, assim os alunos também não veem surtos extremos, que poderia atrapalhar na inclusão. A partir disso, percebe-se a importância do professor auxiliar para estes alunos, certo que irão auxiliá-los em todos os momentos, principalmente em situações de surtos. Quando ocorrem surtos de grandes proporções, às vezes faz-se necessário remanejar estes alunos a ambientes mais calmos e individuais, mas em casos de surtos leves ou apenas inquietações, pode ser resolvido em sala de aula com os professores regente e auxiliar. Seria ideal se estas intervenções pudessem ser realizadas em sala de aula, mas entende-se que em alguns casos, acaba sendo inviável essa intervenção pedagógica. É neste momento, que a escola deve compreender este aluno, as suas especificidades e atuar de forma acolhedora e afetuosa, para que ele se sinta seguro naquele ambiente.

Um trabalho também deve ser feito com as outras crianças, para não ocorrer rejeição a esse colega ou outras situações de bullying. Todas as ações escolares devem ser bem pensadas e articuladas, para que o processo de inclusão, não se torne de exclusão.

4.3 Consequências das interações

Segundo os dados da pesquisa, pode-se observar que as interações proporcionam um desenvolvimento global das crianças. A escola é o lugar para ocorrer a socialização, pois é onde as crianças passam boa parte do seu dia. A sociabilização deve ser algo praticado desde casa, com os familiares, que são a fonte

de amor e confiança da criança, sendo sua base domiciliar. Mas parte da escola de fato o papel de integrar as crianças e provocar a socialização de forma leve, natural e inclusiva. É algo que deve acontecer de forma gradativa com a convivência diária, tal processo deve ser prazeroso para ambos os alunos, visto que, se o ambiente é acolhedor se torna mais fácil, a inclusão.

Na escola é o ambiente em que diversas crianças convivem, cada uma com suas particularidades. A partir disso, é notável como os professores e equipe precisam estar alinhados para produzir um local amistoso, com possibilidades para todas as crianças. O professor é o mediador fundamental desse processo, é quem vai promover momentos de integração e intervir quando necessário em algumas situações.

Brincadeiras podem estabelecer a interação social nos ambientes escolares, isso irá contribuir também para o desenvolvimento intelectual, motor e cognitivo do indivíduo. Outras atividades podem contribuir, como atividades em grupo com os colegas, teatros com fantoches ou mímicas, produzir jogos que permitam a interatividade de todos (NEUROSABER, 2019).

Mas, na realidade não é simples como pensamos, pois ainda há obstáculos a serem enfrentados. A escola está se adaptando e progredindo a passos lentos para a concretização da inclusão. Hoje as instituições de ensino em sua maioria, não possuem condições estruturais adequadas ou então, faltam materiais pedagógico e a instrução adequada e suficiente aos professores.

De acordo com Oliveira (2020, p. 3)

Para que o aluno autista desenvolva suas habilidades, é necessária uma estrutura escolar eficiente, com preparo profissional de todos os envolvidos no processo educativo. Como o aluno autista tem dificuldades de se adaptar ao mundo externo, a escola deve pensar na adequação do contexto. Não existem apenas salas de aulas inclusivas, mas escolas inclusivas. Por isso, é necessário que a escola crie uma rotina de situação no tempo e no espaço como estratégias de adaptação e desenvolvimento desses alunos.

A sociedade precisa compreender de fato o que é a inclusão, assim, os órgãos educacionais poderão então colocar em prática o que se é garantido por lei e proporcionar esses benefícios à comunidade, pois como os dados mostram, na construção do indivíduo é significativo as relações de interações sociais, que

viabilizam a formação de um ser para conviver em sociedade. Na atualidade, há diversos transtornos, deficiências e comorbidades distintas, precisa-se inserir na nossa realidade a inclusão destas pessoas deste cedo. A sociedade precisa estar apta a interagir e conviver com os diferentes tipos de pessoas que existem.

Partindo deste pressuposto, a interação entre pares é fundamental para o desenvolvimento de qualquer criança. A criança com TEA por ter maior dificuldade nesse processo, precisa da ajuda de auxiliares, professores, familiares e dos colegas para se aprimorar na socialização. A criança atípica, quando inserida no ambiente escolar de forma adequada, consegue desenvolver-se melhor em sua totalidade. No entanto, as crianças consideradas típicas, também apresentam um desenvolvimento e amadurecimento individual com a convivência.

5 CONCLUSÃO

Ao longo da pesquisa, foi possível observar que as interações são benéficas e influenciam diretamente na formação do indivíduo, na constituição do cidadão, preparando-o para viver em sociedade. Toda a comunidade escolar e a sociedade em geral é beneficiada com estas interações, de forma direta ou indireta.

Por mais que estamos no início dessa jornada inclusiva, onde os desafios ainda são muitos, a sociedade já está começando a compreender a importância da inclusão, começando a deixar de lado a exclusão. No entanto, ainda há muito o que se conquistar, pois hoje, situações ainda são tratadas com ações paliativas, quando deveriam estar dentro da lei, para de fato serem resolvidas com ações definitivas.

A pesquisa apontou que professores, juntamente com a equipe pedagógica, fazem o que podem, dentro das suas possibilidades, em relação à inclusão. De fato, ocasionalmente há escolas que não se atentam a estas adaptações necessárias, e ainda existe uma defasagem na formação dos educadores, mas muitos dos docentes já possuem um olhar para o aluno, para a individualidade de cada ser. Com isso auxiliam nesse processo, sendo os principais mediadores da sociabilização.

Partindo disso, a sociabilização destas crianças desde a infância com seus pares é o que proporciona a formação dos futuros adultos, viabilizando a construção ética e moral dos cidadãos, sendo estes mais afetuosos, respeitosos, compreensíveis e empáticos. Ressalta-se que a escola precisa contribuir não somente em aspectos sociais e humanos, como também na formação intelectual, no seu ensino-aprendizagem.

A interação entre pares é de fato positiva, principalmente no ambiente escolar, pois como visto, se o local está adequadamente favorável para o processo de inclusão, as consequências refletem em todos. Dessa forma, se a inclusão está ocorrendo de forma eficaz, as sociabilizações podem ser proveitosas para os alunos atípicos também. A interação social permite o crescimento e o desenvolvimento global dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, M.M.C; LISBOA, D. O; LISBOA, D. O. **Autismo e Inclusão Escolar**. IV Colóquio Internacional e Contemporaneidade. Disponível em: http://educonse.com.br/2010/eixo_11/e11-25a.pdf
- ASSUMPÇÃO, Francisco B. JR; PIMENTEL, Ana Cristina M. **Autismo infantil**. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/Gv4HpMGyypXkmRMVGfRZF8G/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- AUTISMO E REALIDADE. **O que é o Autismo?** Marcos Históricos. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/o-que-e-o-autismo/marcos-historicos/>. Acesso em: 24 nov. 2021.
- BARBOSA, Priscila Maria Romero. **Autismo**. *Revista Educação Pública*, [S.L.], 02 dez. 2014. Fundação CECIERJ. <http://dx.doi.org/10.18264/rep>. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/14/40/autismo>. Acesso em: 15 jul. 2021.
- Bardin, L. (2011). **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70
- BASSO, Cíntia Maria. **ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O ENSINO MEDIADO POR COMPUTADORES**. *Linguagens & Cidadania*, v. 2, n. 2, 2000. Disponível em: http://coral.ufsm.br/lec/02_00/Cintia-L&C4.htm. Acesso em: 19 jul. 2021.
- BENINI, W.; CASTANHA, A. P., **A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na escola comum: desafios e possibilidades**. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. v. 1, 2016.
- BOENO, Rosangela Maria *et al.* **REPENSANDO O ENFOQUE DA INCLUSÃO NO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA DO SUDOESTE DO PARANÁ**. Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia, Ponta Grossa, nov. 2018.
- BRASIL. **Lei Federal nº 13.977, de 8 de janeiro de 2020**. Altera a Lei nº 12.764/12 e a Lei nº 9.265/9 e institui a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L13977.htm#view. Acesso em: 24 nov. 2021.
- CAMARGO, Sígilia Pimentel Höher; BOSA, Cleonice Alves. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, p. 65-74, jun. 2009.
- CASTANHA, Juliane Gorete Zanco, **Autismo e educação no Brasil: histórias, políticas e inclusão**. Ed. Jornal de Beltrão, Paraná, 2016.

DIAS, Sandra. **Asperger e sua síndrome em 1944 e na atualidade**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia fundamental. São Paulo, jun. 2015.

DSM-5. **MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
EDUCAÇÃO, Secretária. Autismo. Disponível em:
<https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Autismo#>. Acesso em: 07 jul. 2021.

GUIMARÃES, Arlete de Brito. **Interações sociais envolvendo crianças com Transtorno do Espectro do Autismo em classes comuns: o olhar de seus professores**. Salvador, 2017.

GOMES, C.M.S, et al. Efeitos de Intervenção Comportamental Intensiva Realizada por Meio da Capacitação de Cuidadores de Crianças com Autismo. **Revista Psicologia: Teoria e pesquisa**, 2019, v. 35, e3523.

IVIC, Ivan. **Lev Semionovich Vygotsky**. Recife: Massangana, 2010. 138 p.

KANNER, Leo. **Autistic Disturbances of affective Contact**. 1443. Disponível em:
<https://simonsfoundation.s3.amazonaws.com/share/071207-leo-kanner-autistic-affective-contact.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

KLIN, Ami. **Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral**. Revista Brasileira de Psiquiatria, 2006.

LEMOS, Emellyne Lima de Medeiros Dias; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro; AGRIPINO-RAMOS, Cibele Shírley. Inclusão de Crianças Autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Paraíba, v. 20, n. 1, p. 117-130, mar. 2014.

LEPRE, R.M. **Desenvolvimento Humano e Educação: Diversidade e inclusão**. Bauru: MEC/FC/SEE, 2008.

LIBERALESSO, Paulo. **Desenvolvimento típico e atípico da fala em crianças com TEA**. Disponível em: <https://www.institutopriorit.com.br/desenvolvimento-tipico-e-atipico-da-fala-em-criancas-com-tea-parte-1/>. Acesso em: 11 ago. 2021.

LIMA, Rossano Cabral. A construção histórica do autismo (1943-1983). **Ciências Humanas e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 115-129, jul./dez. 2014.

MANOEL, V.F, CONTER, L.R, A importância da afetividade para o processo ensino e aprendizagem dos alunos com Transtorno do Espectro Autista. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**, 2016.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL: DA EXCLUSÃO À INCLUSÃO ESCOLAR**. **Pedagogia Ao Pé Da Letra In Educação, Educação Especial**, São Paulo, mar. 2011.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MAS, Natalie Andrade. **Transtorno do Espectro Autista** – história da construção de um diagnóstico. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-26102018-191739/publico/mas_me.pdf. Acesso em: 24 mai. 2022.

MASSUCATO, M., MAYRINK, E. D. **A interação entre alunos (da mesma idade e de idades diferentes) e os benefícios para a aprendizagem**. 2016. Disponível em: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/1590/a-interacao-entre-alunos-da-mesma-idade-e-de-idades-diferentes-e-os-beneficios-para-a-aprendizagem>. Acesso em: 02 ago. 2021.

MARTINS, A. D. F; MONTEIRO, M. I. B. Alunos autistas: análise das possibilidades de interação social no contexto pedagógico. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 215-224, 2017.

MARTINS, A. D. F; MONTEIRO, M. I. B. Interações de alunos com Transtorno do Espectro Autista na escola. **Revista Comunicações**, Piracicaba, v. 25, n. 3, p. 271-291, dez. 2018.

MEC. **Projeto Escola Viva - Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola - Alunos com necessidades educacionais especiais: adaptações curriculares de pequeno porte**. 6. ed. Brasília: Belmontcom, 2000.

MEC. **Projeto Escola Viva - Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola - Alunos com necessidades educacionais especiais: adaptações curriculares de grande porte**. 5. ed. Brasília: Belmontcom, 2000.

NEUROSABER (Instituto NeuroSaber de Ensino). **Interações sociais em contexto escolar no autismo**, Londrina, NEUROSABER, 2019.

OLIVEIRA, Francisco Lindoval. Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 34, 8 de setembro de 2020.

OPAS (Organização Pan-Americana da Saúde). **Folha informáiva sore COVID-19. Histórico da pandemia de COVID-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 20 mai. 2022.

PAIVA, Thais. **O que falta para a escola brasileira praticar a educação inclusiva**. 2018. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/o-que-falta-para-a-escola-brasileira-praticar-a-educacao-inclusiva/>. Acesso em: 11 ago. 2021

PARANÁ. SECRETARIA DA SAÚDE. **Autismo**. Disponível em: <https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Autismo#>. Acesso em: 07 jul. 2021.

PINEL, Hiran. **Amizade na educação especial escolar e não escolar: um estudo fenomenológico a partir do filme taiwanês “Eterno verão” (2006), de Leste**

Chen. **Educação Especial Inclusiva: Conceitos, medicalizações e políticas**, Campos dos Goytacazes, p. 145-165, 2017.

SANCHES, Isadora Machado. et al., A influência dos fatores ambientais na incidência do autismo. **Revista Interdisciplinar ciências e saúde**, v. 4, n. 2, p. 81-88, 2017

SANTOS, José Vinícios Leite. **Leis 12.764/2012 e lei 13.146/2015 (lei brasileira de inclusão)**: uma análise das repercussões no tratamento das pessoas com transtorno do espectro autista como pessoa com deficiência (TEA). Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/12859>

TEODORO, Grazielle C.; GODINHO, Maíra C.S, HACHIMINE, Aparecida H.F. **A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Fundamental**. Universidade Federal de Itajubá, Brasil, v. 1, n. 2, 2016, Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=560658991003>. Acesso em: 27 jan. 2022.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1991.

APÊNDICE A - Questionário da pesquisa

Questionário da pesquisa para os professores

- 1- Você percebe diferença no convívio dos alunos típicos, após a inclusão do aluno Típico (com TEA)? Quais?
- 2- Como as crianças típicas reagem quando o aluno com necessidades educativas especiais passa a frequentar a turma?
- 3- Como é a convivência das crianças com TEA com seus pares?
- 4- Como é o acolhimento da criança típica com o aluno incluído?
- 5- O que a inclusão proporciona aos alunos incluídos e aos outros alunos?
- 6- Quais as maiores dificuldades no processo de inclusão?
- 7- As condições estruturais e de trabalho são suficientes para o processo de inclusão?

APÊNDICE B - Roteiro da entrevista

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM COORDENADORES

- 1- Houve alterações na maneira dos professores desenvolverem suas aulas após a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais?
- 2- Como a Equipe pedagógica pode auxiliar no processo de inclusão?
- 3- Nos demais ambientes escolares é possível visualizar uma socialização entre os alunos, ou então uma tentativa de socializar, principalmente por parte dos alunos típicos?
- 4- Como os outros alunos (os típicos) respondem à essa inclusão?
- 5- O que a inclusão proporciona aos alunos inclusos e aos outros alunos?
- 6- Quais as maiores dificuldades no processo de inclusão?
- 7- As condições estruturais e de trabalho são suficientes para o processo de inclusão?
- 8- No processo de inclusão do aluno com TEA a escola teve que realizar adaptações estruturais (físicas) e pedagógicas? Explique.